

JORNAL: O Globo LOCAL: Quamabara
DATA: 05/02/1962 AUTOR: Vera Pacheco Jordão
TÍTULO: Bienal e Bienais
ASSUNTO: Ivan e outros convidados para a
Bienal de Córdoba

O GLOBO ☆ 5-2-62 ☆ Página 12

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

• VERA PACHECO JORDÃO •

Bienal e Bienais

O MUNDO das artes está sofrendo uma inflação de bienais. Além da de Veneza, que é a decana da instituição, e a de São Paulo, que com seus dez anos recentemente comemorados começa a estabelecer sua tradição, existe a de Alexandria — reservada aos países mediterrâneos —, a Interamericana, a Iberoamericana, a de Paris — que era até agora a caçula da família — e creio mesmo que mais alguma cujo título me escapa.

Não vejo outro motivo, a não ser o espírito de imitação, para que essas feiras internacionais se realizem forçosamente cada dois anos, como se, por alguma razão misteriosa, fosse esse o prazo ideal para dar um balanço na produção artística internacional. O que acontece é que, sendo poucos os grandes artistas, à medida que tais certames aumentam em número correm o risco de se tornarem mais e mais medíocres, e a necessidade de atribuir os prêmios estabelecidos como chamariz leva à consagração de mediocridades.

Admito, entretanto, que o caso das bienais seja um dos fenômenos típicos desta nossa época, na qual o mecanismo da propaganda cria uma confusão de valores que é explorada comercialmente. O que é necessário é que cada um de nós procure conservar sua independência de julgamento, sem se deixar impressionar demasiado pelas premiações consagradoras.

Isto pôsto, tornamos a anunciar a mais nova das bienais, promovida pelas Indústrias Kaiser da Argentina, a se inaugurar na cidade de Córdoba a 22 de junho próximo. Embora batizado "Bienal Americana de Arte", esse primeiro certame limita-se à pintura de quatro países: Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, de futuro devendo estender-se gradualmente aos outros ramos das artes plásticas, e incluir as demais nações americanas.

Cada país sendo convidado a enviar uma representação limitada a doze pintores, com três obras de cada, foi a seguinte a seleção brasileira, efetuada pela Divisão Cultural do Itamarati:

PORTINARI — DI CAVALCANTI — GUILNARD — DJANIRA — VOLPI — MARIA LEONTINA — MILTON DA COSTA — IBERÊ CAMARGO — ANTÔNIO BANDEIRA — DI PRETE — MANABU MABE — IVAN SERPA

Como "suplentes" figuram na lista YOLANDA MOHALYI — FLÁVIO SHIRÓ — FLÁVIO DE CARVALHO — GLAUCO RODRIGUES — HÉRCULES BARSOTTI.

É uma representação eclética, na qual o critério parece ter sido o de jogar no seguro pela escolha de nomes famosos — embora nem todos esses artistas continuem a se manter no nível em que adquiriram reputação.

Seja como for, são doze trunfos que vamos gastar em Córdoba, sendo que quatro deles — Di Prete, Iberê, Ivan e Manabu — vão também participar da mostra de arte brasileira a se inaugurar em março próximo no "Walker Art Center" de Minneapolis.

E quando me lembro de quanto foi fraca a seção brasileira na última Bienal de São Paulo, fico me perguntando que representação poderemos enviar à próxima Bienal de Veneza — que se realiza já no próximo mês de junho — sem cair na monotonia da repetição nem descambar para a mediocridade.

Não fosse a pressão das bienais, os artistas trabalhariam tranqüilamente, livres da aflição de se renovar para se porem ao gosto do momento, e o Itamarati teria algumas dores de cabeça a menos. Mas as bienais se incluem entre os sinais dos tempos, que são tempos de confusão em todos os terrenos.

Muito Barulho Por Nada

O presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo enviou-nos uma comunicação relativa ao caso criado pelo colunista de artes visuais de um matutino carioca, ao denunciar o desaparecimento de um quadro de Maria Helena Vieira da Silva e atribuir a responsabilidade do fato a um ex-funcionário daquele museu.

Consideramos supérfluo reproduzir aqui a comunicação, visto já ter sido publicada pelo jornal em questão. Entretanto, a bem da verdade, transmitimos ao leitor o esclarecimento prestado pelo MAM: o quadro não desapareceu, mas foi devolvido à pintora, em cujo poder ainda se encontra, conforme declaração feita pela artista em telegrama ao MAM.

Ivan Freitas em Trieste

Nosso cônsul em Trieste, Ministro Margarida Guedes Nogueira, atualmente de passagem pelo Rio, teve ocasião de apreciar a pintura de Ivan Freitas e — prosseguindo seu notável trabalho de difusão dos valores brasileiros — decidiu apresentar numa galeria de arte de Trieste uma coleção de guaches do jovem artista.

Ainda pouco conhecido aqui, Ivan Freitas terá assim a oportunidade de se apresentar no estrangeiro, começando pela galeria "La Cavana" (Trieste), de 8 a 21 de março, para depois percorrer outras cidades da Itália. Veremos o que dirá a crítica italiana desse artista que, ainda muito jovem, me parece já dar provas de qualidade, e de personalidade bem marcada.